

Álvaro Andrade Garcia
monódias

MAZZA EDIÇÕES, 1988

Notas:

- Monódias se ortografa sem o acento (monodias).
- O verbo ranir também é criação do autor (rangir, ranger).
- Os ideogramas chineses 心(shin), 肉(rouh) e 我(woo) podem ser traduzidos por coração, carne e eu.

A SALA DE ESPERA

Ele me disse: "Vai e dize a este povo: Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender; podeis ver certamente, mas não haveis de compreender. Embota o coração deste povo, torna pesados os seus ouvidos, tapa-lhe os olhos para que não veja com os olhos, e não ouça com os ouvidos, e não suceda que o seu coração venha a compreender, que ele se converta e consiga a cura."

Isaias 6 - 9,10

Século XX

o desejo volátil inaugura o tempo
palavra: tempo sonoro

volátil

como o vidro de éter da antiga tia avó

Dolores e seus gases

seus pulsos deletérios

entreveros e marés

o desejo volátil conclui o tempo
palavra: tempo sonoro

volátil

como o som das rugas bordadas na face:

a sóbria e sincera impessoalidade
do tempo

passado não é o que houve
é antes de tudo ser ato

como homem sigo e temo
o passado me acompanha
em procissão de rosas

distância é o que mede?
ou afasta?

já desaprendi e avisto o barco rolar
morro abaixo

distância é o que mede?
ou afasta?

virão as ondas bater no casco
virá a hora própria

antes de tudo chorei
agora escrevo sob efeito
do bruit desse momento

quando o triste se encolhe
o coração bate pra dentro
e a vontade aceita

os mortos são audíveis
nas ondas do meu pensamento

minha vida é pouco mais que um recorte

o passado não retenho

são momentos de pó e cal

o sofá me faz dela novamente

mas esqueço cada vez mais seus traços

das formas

já não espero presenças

estremeço sobre a linha do tempo

meus momentos?

onde estarei com eles outra vez?

meu intelecto é falso
e ainda cação da vida

só é apenas palavra
meu imaginário desocupa as manchetes

os jornais já não anunciam o que sinto

entre páginas viradas, certamente o ar
e o rádio de ondas embalando meu sentido

confusão e abandono

vejo as copas das árvores
as folhas mudam com o tempo
o amor se despe
e renova?

um artefato dos olhos
construído com a imaginação

uma fita de luz que balança na noite
fenestrando as estrelas

o caminho do leite entre deuses e signos
atravessa hoje o céu, bem sobre meu telhado

Desolação

o bom peregrinou
resta-nos aqui
 uma época de ilhas e avôos
 desoladas cegonhas
 sem ninho e filhos para desejar

faltam-nos glórias glórias!

 falta-nos tudo: do júbilo ao espanto
 do estouro ao suspiro!

Cotidiano

o presidente anuncia
Kollynos com flúor
me fazem perguntar
a inflação já disparou?

tanques de aço e verde
ranindo pela fábrica
apontam pólvoras aos operários
o chá derramou

quero escrever o cansaço
as pálpebras amargas
encerrando tudo isso

quero fogos ardendo
toda essa família
que cuida dos rumos

duro é segurar sua presença
tê-la inteira entre os dedos
prevendo o rumo das linhas

difícil é viver sem você
mesmo sem poder dizê-lo

seus traços se apagam
quando passam pelo tempo ileso

心 é mais que coração

é espírito também 肉

心 como deveria ser

alterna-se 肉

e assim sou 我

Absoluta

o que faço é ser às vezes
o que muitos outros são

poesia definitivamente não é verso

busco o gesto das palavras

vou repetir sei disso
cem vezes

por que não o amor?

consumo o corpo em espirais intimistas

insensatos julgamentos talvez me condenem

peço paz, não suporto mais a brasa das fogueiras

peço paz, enquanto incorporo minhas entranhas
e assisto o colapso das peles

que recobrem a paixão

peço paz, não tenho mais vísceras para os tiros
não me morro crepitando entre rajadas e labaredas

minha morte agora é passagem

Velhice

o corpo curva-se
um esse à frente
uma serpente e o tempo
um fio de barba branca
uma massa de músculos
os oráculos e o peso
uma baldeação e mudança
um caudaloso rio
movendo suas águas
uma enchente sobre
o lombo dos homens

uma espinha contusa
as dores do novo parto
as queixas e uma sopa
para a falta de dentes
incompreensão e espanto talheres
um a um velando os amigos
endurecendo as artérias
correndo a tarde
e saindo de guarda-chuva

Anotação

o poema nem sempre está
quase nunca deve
nem às vezes se espera

o ar não parece ocupar
e a língua não é apenas falar

Razão íntima

sou noturno quando me acabam
as horas do dia

raciocino quando nada mais sinto
que vultos na noite

não consigo passar do antigo achado:
tudo que faço
não passa de ir ao largo
 mais dentro & distante

aceito as estradas da galáxia
e desconheço
 a triste sina do século

vim para compartilhar
o corpo e o pão
reverso disso que amontoa
estou pela paz
em mim e no outro

como falar
se vim para outro jazigo
e me perdi das pessoas?

se me criei entre palavras
e com elas aprendi a esquecer?

incompreendo mais que escuto

Profissão de fé

poesia tem sido
raras vezes mais que um lamento
uma descoberta qualquer

vez ou outra contento algum sentido
nas outras me cumpre fazer
nada demais

se o poema fosse social
refutaria o argumento nas linhas
que se seguem, sem conflitos

mas a poesia sofre
e a dor é também do tratado
que fala da espoliação de um pelo outro

um dia resolvo guardar as esquinas do dia
e coleciono manhãs, ruas e campos
guardando de cada o singular vermelho

não passa muito tempo
e lá estou recolhendo as tintas

verdes azuis amarelos
guardo numa caixa

restam apenas os seres
movendo sobre a terra

transparentes
difusos contornos de frio e calor

percorro nosso mundo de siderurgia e carvoeiros

converso com seus símbolos e tomo um scotch
com a filha do dono

ela não trouxe filhos
do nosso encontro pariu depois
mnésias loroteiras

A sala de espera

ela se ajeitava no divã
e soltava as feras do dia

um mundo de tigres e dragões
se instalava no consultório

pois antes da consulta quis lírica
e disso ficaram apenas as tentativas

desde os versos mais rasos
ao fundo da minha alma
vasculhei a praça ao redor

mas estava duro e torto
e o amor que escrevia
mais parecia um vôo arruinado

medo aleijado esse meu
os ruídos são amigos que tenho aqui

os seres que habitam meu lago
e os sonhos que me despertam à noite

mesmo os que vêm de fora
talvez lá de estrelas e mundos

o que os faria malignos
se sou tão ameno com eles?

Reto demais

uma convivência é demais para mim

revelo o fato áspero e sem curvaturas:

são anos de improbidade, não sei mesmo amar

Os movimentos mais íntimos

pois falo do coração
como diria de qualquer outro órgão

ou minhas vísceras não se agitam
quando oiço os passos dela?

Geografia da fala

afirmo entre os dentes

sopro com os lábios

murmuro pelas bochechas

e me calo através dos olhos

amanhã brota a erva

cala o coração

cai a chuva cai

só amanhã esqueço dela

um espelho de duas faces
uma reflete, outra não é

duas mãos, um só sentido

são raios que atravessam o tempo
nem imagem nem retorno

a mudança e a intransigência

falo de estátuas
porque conheci há pouco
a diferença entre parar e uma réplica do homem

o bronze enegrecido pousa sobre a era
os pombos não voam entre escombros

demolição alguma me resta
as pedras no chão não refazem as quatro
paredes

se tudo que me deram para viver
foi um país e amor ruído

se tudo que sei não conclui
se hoje compreendo o que se passa com os homens?

preso nas asas que forjaram meu desapego
lamento a doce paz do meu vôo

quero uma obra que se revogue com o tempo
e se torne tão verdadeira
quanto um castelo de areia

pequeno gostava deles

cedia horas construindo formas
para vê-las ruir com a maré

se o dia fosse imóvel como as horas da madrugada?

e os homens pudessem ter carne e permanência

e se eu pudesse apenas penetrar

no instante instituindo o tempo!

agora o nome

nada se move

salvo o que não se atinge

como a manhã ou o passo dos dias

a vida opera mudanças de modo imperceptível

a flor esquece
os versos dela
e repete a mesma rosa

a luz
me lembra de cantar
ao que é simples e diário

o lugar comum na terra
dos homens

Desjejum

ela está ali, toma café a meu lado

as horas em breve se tornam dia
os anos fazem vidas e prosseguem alheios

ela está ali, toma café a meu lado

mas e o instante exato? entre os mecanismos?
o abalo, o sismo
o mesmo eu?

ela está ali, ainda toma café a meu lado

devolvo minhas palavras
ao verbo que criou a vida

retornam ao vento
insignificantes

espero o deserto
estender-se sobre as cidades
(como um manto anestésico e pálido)

e quando o vento planger
entre esquinas vazias
e nada mais restar desse povo
que ora habita a pedra

possa algum outro lembrar-se
destes versos:

- acenando ao vento
e sentindo que passam entre os dedos

O vendedor de beiju

ouço a catraca do beijuzeiro
minha infância vem de longe para a visita
os olhos do vendedor

os fios da sua barba crespa
me cortam

os plásticos e o tempo
as novas embalagens

o toque
ouço a catraca

um dia anunciou funerais

depois vendeu-me beiju
em latões verdes
por moedas de cinco cruzeiros

a rua antiga
quente e sem sombras
ainda sem assassinatos

a velha louca
e a bruxa no sótão
da lavadeira

comprei alguns, voltam-me os anos?

A CASA VAZIA

rua Antônio de Albuquerque, 189

A isto perguntei: "Até quando, Senhor?" Ele respondeu: "Até que as cidades fiquem desertas, por falta de habitantes, e as casas vazias, por falta de moradores; até que o solo se reduza a um ermo, a uma desolação; até que Iahweh remova para longe os seus homens e no seio da terra reine uma grande solidão.

Isaias 6 - 11,12

antes tê-la inteira, a metade
antes um domingo que os dias

antes a moradia da afeição

a casa espera uma presença
o tempo não chega a parar
apenas arrefece

tantas cores pairam
florescem desejos de atalhos

a saliva as pernas tremem
aos poucos desenrolam os cotovelos

a cidade ainda respira

estas horas têm nome
e uma silhueta sisuda

antes que ela me encontre
revoltas habitam as mesmas letras
destoam sentidos

às vezes se insinuam molduras
dessa forma replicada de sensação

uma construção a partir do cunho
que ela mesma imprime em lugar algum

os passos que não
murmuram seus timbres
lá onde cantam

os discos e os papéis

onde estão contudo as pessoas
que antes eram ali?

como eu não existem

a casa são objetos impossíveis
e somente eles podem indicar
o destino dos habitantes

apresenta-me as contingências
e entre elas farei soar
o trinado dos homens

uma casa fala seus habitantes
e chega a ensurdecer
cada vez que se movem ausências

agora o tempo é lúcido
como as últimas gotas
evoluindo no ar

o tempo é certo
como um tijolo
entre outros

quando os olhos cessam
e vem a casa da infância
a memória vaga
entre objetos remotos
e *pannings* difusos

encontro luzes na tv
quintais e árvores de fruta

lá onde a banheira era um oceano
e uma escrivaninha subia aos céus